

O túmulo sob a acácia

Companheira! Ó incandescente lua prata!
Tão pálida e vil quanto a quem ilumina.
Como poderias se compadecer...
Por quem até mesmo a vida lhe arrebatava?
Desgraçado! Em dor e agonia peregrina,
Da maldição estás à mercê.

A acácia, vedes murchar-se inverno após inverno.
A solidão e alma se fizeram amálgamas eternas,
Chagas que só hão de desenvolver...
Preso e torturado, não o limbo, sim o inferno.
Constante, perdendo todas as cousas externas,
Da solidão estás à mercê.

Então este seria o seu mísero fim?
Gostaria de se jogar ao ar do que ali ficar.
Estar preso em um ciclo sem se mover.
"Dou tudo! Pegue-a no gatilho e mire em mim!".
Somente via montes pratas, almejava o mar.
Da prisão póstuma estás à mercê.

Por que? O que fiz? Qual é meu defeito?
Leve-me, mate-me e ainda perdoe-me,
Daria a vida sem tentar se proteger,
Não mais suporte a cova e meu nome mal feito,
Livre-me desta angústia, imploro-lhe.
Da vida eterna estás à mercê.

Dias e noites eles crescem e se proliferam,
Rastejam por poder, ódio e riquezas,
Como eu, miseráveis. Que posso fazer?
Suas manchas pecaminosas e gritos reverberam,
Verminam, na superfície e em profundezas.
Com mil trovões! Estou a enlouquecer!

A mesma lua de prata, toda noite brilha.
O mesmo cenário, mais casas, céu cinzento.
Dia ou noite? Tão logo os mesmos hão de ser.
Invisível, sob a acácia ao lado da cova da trilha.
Não suporto, estou louco, louco, não aguento.
Faça o que faça, louco, me tire enlouquecer.

*Metireenlou! Q uecermetire enl ouque!
Cer metire e nlo uquece r meti reenlou.
Quec ermetire en louquecerm...
Eti reen lou quece r meti ree nlouquec?
Ermetireen! Lo uqu e cermet ireenlouq,
Ue cermetir eenlo u quece.*